

André Martins, autobiografia winnicottiana
IBPW/IWA

Quando estava cursando meu Doutorado em Filosofia na Université de Nice, na França, seguia as aulas de teoria psicanalítica que meu orientador, o filósofo Clément Rosset, dava para o curso de filosofia. Essas aulas tinham a sala lotada, inclusive com psicanalistas clínicos que vinham assisti-la como ouvinte. Eram aulas fascinantes, e com elas comecei a me interessar pela psicanálise. Comprei e peguei emprestado na biblioteca muitos livros de Freud e Lacan, e passei a devorá-los avidamente. Quando retornei ao Brasil, terminado o Doutorado, em 1995, assumi um Pós-Doutorado Junior com uma pesquisa em teoria psicanalítica e filosofia. Em um congresso em Brasília conheci por força do acaso o



grande psicanalista e intelectual Nahman Armony, a partir de então tendo se tornado um querido amigo que viria a ter importância capital em minha formação e em meu percurso de vida. Desde este primeiro encontro, eu lhe falara com entusiasmo de Spinoza e ele para mim com igual entusiasmo de Winnicott. Com ele comecei a formação em Psicanálise no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, sociedade da qual viria a me tornar mais tarde membro efetivo. Com Nahman Armony aprendi sobre a diferença entre o homem trágico e o homem neurótico segundo Kohut, mas sobretudo ele me abriu para o universo mágico de Winnicott, que gradativamente foi se mesclando ao que aprendi com Spinoza. Nunca tive um mestre no ensino de Spinoza, embora tenha tido ótimos professores (Robert Sasso, na França, notadamente) e lido comentadores inspiradores (Pierre-François Moreau, sobretudo). Já minha descoberta de Winnicott se fez pela via mestra da leitura de Nahman Armony. Naquele mesmo período de minha formação, a convite do querido amigo José Guedes, outro psicanalista winnicottiano que conheci no Círculo (assim como o saudoso Davy Bogomoletz), comecei a frequentar a revolucionária instituição de tratamento psiquiátrico “Toca”, da brilhante psiquiatra Ana Rocha (também conhecida como “Ana Bahiana”); no mesmo período, acompanhei em entrevistas alguns casos graves e

impressionantes de esquizofrenia no Rio e em São Paulo, interagindo com os pacientes. Também comecei a frequentar a instituição então inaugurada pelo psicanalista Paulo Blank e com ele estudar Groddeck. No mesmo período comecei a frequentar reuniões de casos clínicos com amigos da SBPRJ, notadamente Admar Horn e Miguel Calmon, grupo do qual também fazia parte Octavio Sousa. No mundo da psicanálise carioca também conheci Hélia Borges, amiga querida e psicanalista brilhante, estudiosa de Deleuze, Reich, Groddeck e Winnicott, que viria a me dar a honra de estudar comigo, e se tornar madrinha de meu filho mais velho. No mesmo período conheci meu amigo Jurandir Freire Costa, que também viria a ter um papel crucial para mim naqueles anos de inserção no mundo psicanalítico.

Em 1998 iniciei um segundo Doutorado, este em Teoria Psicanalítica, sob a orientação de Joel Birman, concluído em 2001. Convidado por Birman, tornei-me membro fundador do EBEP, Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, no qual permaneci por alguns anos. As reuniões de construção da sociedade foram extremamente profícuas, de trocas incrivelmente enriquecedoras. Entre os vários interlocutores e amigos que lá encontrei, destaca-se Carlos Alberto Plastino, mais um grande estudioso de Winnicott.

Spinoza, Nietzsche, e também Deleuze, juntamente com Winnicott e os demais autores da psicanálise que estudava, me faziam ter um olhar ao mesmo tempo de dentro e de fora da área, uma atenção aos paradigmas em questão, e às questões epistemológicas envolvidas nas diversas teorias e seus reflexos distintos na prática clínica.

Durante meu Pós-Doutorado Sênior na França, em 2004, tornei-me membro do Espace Analytique de Paris. Proferi ao longo dos doze meses de pós-doc uma dezena de conferências em diversas universidades, em diversos países, em muitas delas mesclando psicanálise e filosofia. Desde 2005 comecei a gravar palestras no programa Café Filosófico da TV Cultura (até 2023, foram 8 ao todo), e lá apresentar o pensamento e a contribuição de Winnicott. Também fui diversas vezes curador do programa, e convidei para falar, entre outros, Nahman Armony e Carlos Alberto Plastino. Ao longo de mais de uma década venho sendo chamado a palestrar e colaborar com o Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana, a convite de Zeljko Loparic e de outros queridos colegas e amigos.

Desde 2020, por ocasião da Pandemia de Covid-19, iniciei um trabalho de compartilhamento de minhas pesquisas em meu canal do Youtube, intitulado “André Martins Filosofia”, e de gravação de cursos on-line sobre psicanálise winnicottiana e filosofia da imanência em parceria com a Circuito Saber, divulgado através de meu perfil do Instagram, @andremartinsfilosofia. Um dos cursos, gravados com o psicanalista Luiz Lessa, que estudou comigo, se intitula “Fundamental em Winnicott”.

Cada vez mais me parecia nítido que a teoria freudiana, por herança da influência que Schopenhauer, mas também Platão, Kant e os filósofos pós-kantianos exerciam confessamente sobre Freud, separava o psiquismo em duas instâncias correspondentes à dicotomia metafísica entre natureza e cultura, mais precisamente, uma natureza corporal, bestial e incontrollável, por um lado, e por outro, uma cultura, racional, mental ou espiritual e civilizatória que tinha por função tornar a existência viável. Era muito chocante para mim ver saltar a meus olhos tão ingênua e imatura leitura, por grandes nomes do pensamento, e, no caso, pelo fundador da psicanálise e por seu principal seguidor. Ao longo de todo meu percurso no universo da psicanálise, deparei-me com preconceitos teóricos e rigidez argumentativa e persuasiva, uso do poder, modos perversos de exercer funções na academia e nas sociedades de psicanálise, e obviamente não faria sentido não buscar entender a relação entre tais práticas defensivas e projetivas e as teorias às quais tais figuras aderiam. No período do Doutorado em psicanálise, além das diversas aulas, palestras e cursos que segui sobre Freud e Lacan, também participei de debates acalorados em conferências e eventos, notadamente com lacanianos, permanecendo sempre em mim a impressão de que eles acreditavam efetivamente ter acesso a uma verdade única, que por essa razão deveria se impor ao debate e à multiplicidade de perspectivas. Algo como um fundamentalismo, que propiciava status a seus defensores mais ferrenhos e inflexíveis.

Meus primeiros artigos em teoria psicanalítica versaram sobre o tema da metapsicologia das psicoses. De forma extremamente resumida, posso dizer que me parecia evidente, por minha observação, que as psicoses não eram, como propusera Freud, uma vitória do id sobre o ego – do id selvagem sobre o ego, que precisaria da repressão superegoica civilizadora contra o id para se tornar viável e... infeliz. Do mesmo modo, o real não era – não é – destrutivo, como acreditara Lacan, senão sob uma perspectiva ilusória que parte de uma idealização de completude. Ou seja, o contrário da completude impossível e inexistente, não é a incompletude e a falta, mas sim a não idealização da completude e a capacidade de experienciar a vida com seus prós e contras, que são sempre relativos à maior ou menor expressão ou contrariedade da potência individual, ou, nos termos de Winnicott, da força vital do indivíduo.

Winnicott me mostrou com clareza que as interpretações de Freud e de Lacan expressavam o adoecimento psíquico, as dissociações, os mecanismos de defesa, mas que eram por eles erroneamente generalizados e concebidos como formas primárias do psiquismo – quando na realidade descreviam formações reativas, secundárias, não necessárias, de defesa contra ambientes iniciais hostis. No caso da psicose, minha observação é a de que sua etiologia viria das exigências de um superego cruel sobre um self que não se estruturou de forma

suficientemente consistente na primeira infância. Os malefícios do superego se afiguraram de maneira cada vez mais evidente ao longo de todo meu percurso de observação do psiquismo humano.

Em minha tese de Doutorado em psicanálise contestei, na esteira de Winnicott, a tese freudiana e lacaniana de a pulsão de morte ser primária – e a partir disso refiz uma metapsicologia sob a perspectiva da potência. Busquei mostrar como esse erro de leitura é oriundo meramente de uma herança filosófica metafísica, imaginária, de um engano interpretativo provocado por uma concepção simplista que reduz a multiplicidade ao mínimo múltiplo, o 2, e o imagina como consistindo em polos opostos e dicotômicos.

Com Spinoza, compreendemos que são as mesmas forças que geram o que consideramos como positivo ou como negativo, como benéfico ou como maléfico, e que a potência da vida, a força vital, não é em si destrutiva, nem propriamente construtiva, mas expansiva, criativa. Winnicott mostra isso com seus termos, a partir do amadurecimento emocional e da formação psíquica do bebê e da criança, em sua interação com o meio ambiente cuidador. A destrutividade é claramente reativa, ou seja, secundária, e não primária. Uma nova compreensão da psicopatologia se torna possível quando corrigimos o olhar para os fenômenos psíquicos, observando a psicodinâmica das defesas psíquicas a partir da expressão de uma mesma força vital – ou *conatus*, nos termos de Spinoza, a potência individual e singular de cada um, possibilitando o que passei a chamar de *uma clínica da potência*. A partir dessa base de compreensão imanentista, foi-me possível pensar também, com as ferramentas conceituais que Winnicott nos oferece, a cultura, a religião, os fármacos, a promessa, a função paterna no mundo contemporâneo, as novas formas de constituição familiar, e diversos outros temas caros à contemporaneidade.

Em minhas pesquisas atuais, tenho formulado o que seria *uma tópica winnicottiana*. Na primeira tópica freudiana, a separação entre um inconsciente formado pelo recalque para ocultar do consciente vivências dolorosas é concebida como origem dos problemas psíquicos, cuja terapêutica consistiria em trazer o inconsciente ao consciente. Freud percebera, no entanto, que apesar de suas pacientes passarem a estar cientes do conteúdo recalcado, os sintomas do recalque perseveravam. O que o levou a formular sua segunda tópica, concebendo o psiquismo como formado pelas instâncias do id, do ego que se forma a partir do id como um efeito de identidade oriundo da relação entre o id, o outro e o ambiente, e do superego como instância censora que se formaria a partir da necessidade de refrear e conter as pulsões do id junto ao ego. Por esta tópica, a origem dos sintomas psíquicos seria, no caso da psicose, a vitória do id sobre o ego, e, portanto, uma falha superegoica em sua tarefa de impor a lei, e, no caso da neurose, o

efeito colateral da (pretensamente) necessária repressão superegoica ao ego para fins de contenção do id, uma espécie, portanto, de mal menor, ou de preço a se pagar pelo processo civilizatório responsável por tornar viável o bicho homem. O que podemos chamar de tópica lacaniana, a divisão do psiquismo em três registros, real, imaginário e simbólico, herda de Freud aspectos tanto de sua primeira quanto de sua segunda tópicas. Lacan concebe o real como “invivível”, destrutivo, bestial. Queira ou não, o ser humano se veria recobrando o real imaginariamente, a fim de suportá-lo. Mas tal imaginário tem o custo da passionalidade, da projeção, de deslocamentos e condensações, enfim, ainda que sirva de fuga do real insuportável, provoca um dramático sofrimento psíquico. A terapêutica proposta é a de organização do imaginário segundo uma Lei, em Nome-do-Pai, um O1, um Phallus, que organize como linguagem gramatical o imaginário feminino, inserindo-se em um mundo simbólico da representação no qual as regras civilizatórias estão estabelecidas. O real irrompe, no entanto, na forma da transgressão, da perversão, da arte, temperando e ao mesmo tempo validando o simbólico – aquilo que é transgredido e, portanto, sem o quê não há transgressão. Mantêm-se de Freud a dicotomia entre uma instância natural “invivível” e uma instância propriamente cultural ou civilizatória que torna a vida possível, porém ao custo da neurose, preferível contudo à psicose. De um lado, concebe-se um corpo natural “invivível”, de outro uma instância cultural propriamente humana que doma e adentra aquela primeira por um processo colonial, de colonização do desejo, sob a Lei masculina civilizatória, tornando a pessoa um sujeito, ao sujeitar-se ao simbólico superegoico, preso na cadeia do significante, mas que busca manter as rédeas de seu próprio jogo, dentro do jogo maior da cultura e da linguagem estruturada.

Embora essas três tópicas – duas freudianas e uma lacaniana – descrevam em parte o que ocorre como etiologia da neurose (falhando mais claramente no que diz respeito à etiologia da psicose), incorrem em dois erros capitais: a) não pensar a saúde (não perceberam a saúde, provavelmente não a vivenciaram e por isso não a conceberam) e b) conceber a doença psíquica como primária, a pulsão de morte como primária, o real como “invivível”. Ora, estas concepções são claramente oriundas de alguém que está, ele próprio, vendo e sentindo a vida a partir de um falso-self, de um sentimento de futilidade da existência, de niilismo e vazio existencial. Com Winnicott – e Spinoza – entendemos que a destrutividade é secundária, reativa, e do mesmo modo a neurose e a psicose são efeitos de defesas psíquicas erguidas, portanto de modo reativo, a fim de escapar a uma experiência em um ambiente hostil. Existe uma vida criativa que é ativa e saudável, que consiste no sentimento de que estou vivendo a vida, como espaço potencial e fenômeno transicional, e não me inserindo em um mundo meramente externo. O que Winnicott nos apresenta, e que podemos conceber como uma tópica

do psiquismo, é não mais uma dicotomia metafísica entre natureza e cultura, corpo e mente, mas uma instância do psiquessoma, acrescida da capacidade psíquica humana de pensar a respeito do que o psiquessoma pensa e sente, de modo que a mente não é algo, diz Winnicott, mas uma *função* do psiquessoma. O que há é o psiquessoma pensante. Quando a mente está integrada ao psiquessoma, podemos compreender nossos afetos, nossa psicodinâmica e a do outro. Quando, ao contrário, a mente é usada como escape e fuga de uma agressão ambiental, o psiquessoma é ignorado e a pessoa passa a viver seu self falsamente, a “viver na mente”, nas narrativas mentais, gerando ansiedade, exaustão e angústia, assim como depressão. É essa dissociação entre mente e psiquessoma (não entre mente e corpo, mas entre mente e psiquessoma) que oprime a força vital da pessoa, trazendo-lhe transtornos psíquicos. Não mais uma dicotomia, mas um único princípio vital, imanente, é que ora se expressa pela saúde, ora se defende levando o psiquismo a “reagir, mais do que ser”. Trata-se de um novo paradigma? Sim. Mas muito mais do que isso, trata-se de uma compreensão muito mais adequada ao efetivo funcionamento do psiquismo, que corrige a construção metafísica, dicotômica, imaginária e redutora da psique erguida claramente como uma forma defensiva de pensar.